

## Melhor Já Ir Interpretando: Bolsonaro e ofertas de si em vídeos da campanha presidencial de 2018<sup>1</sup>

Jaynan Borges Aranda<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS

### Resumo

Este artigo tem como tema as ofertas de imagem de si por meio do *ethos* discursivo com visão à construção da imagem pública política e objetiva analisar o *ethos* discursivo ofertado em vídeos do candidato Jair Messias Bolsonaro durante o pleito presidencial de 2018. O corpus de estudo consiste em cinco vídeos, três caracterizados como propaganda política obrigatória e dois configurando transmissões ao vivo, na internet. O aparato teórico compreende reflexões sobre as noções de *ethos* discursivo de Maingueneau (2013), concepções sobre imagem Baldissera (2004; 2006; 2008), imagem pública e imagem pública política de Gomes (2004), espetacularização político-midiática (Weber 2007, 2011), bem como as influências de aspectos contemporâneos, como a internet e as mídias sociais digitais.

**Palavras-chave.** Imagem pública política. Ethos discursivo. Jair Messias Bolsonaro. Propaganda Política.

### 1 Mídia, Política, Sociedade e a fabricação do Espetáculo

Partidos políticos, personagens e atores políticos, instituições e ideologias são dependentes de visibilidade para que cheguem até seus públicos de interesse. Nesse sentido, a imagem pública é fator essencial a esse processo, embora o fator de visibilidade seja cada vez mais espreado, com a *internet*, por exemplo, ainda assim – e, talvez, exatamente por tantas ofertas informativas -, a imagem pública, admitida como um processo, seja cada vez mais importante às instituições exemplificadas. Todo esforço de enunciação, quando fazemos referência a nós mesmos ou a outras pessoas, implica em um processo de seleção, tendo em vista que muitas são as possibilidades de descrição.

Assim, as descrições carregam consigo e instigam inferências a partir de si, pois, no processo comunicacional, leva-se em conta os contextos do enunciador e dos coenunciadores *idem*. Não existe, portanto, esforço enunciativo neutro. Trata-se, pois, de construir determinadas verdades e desconstruir outras.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Discursos, identidades e relações de poder, atividade integrante do XIV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Graduada em Relações Públicas pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este artigo contém trechos originais da monografia da autora defendida em 2018, sob orientação do Prof. Dr. Rudimar Baldissera.

Ainda, importa falar que o cenário político de um país traduz muito do que ele é. Ou, de como ele está. Segundo Druck e Filgueiras (2007), a questão social passou a ser questão política no Brasil a partir dos anos 1930, com o governo de Getúlio Vargas, onde os ajustes trabalhistas tiveram espaço no modo de fazer política no país. Os autores afirmam que, desde então, o Brasil vive um processo de amadurecimento do modelo econômico liberal-periférico (p.27), cujo início data do governo Collor (1990-1992) e mostrou-se sob uma maneira mais completa no governo Lula (2003-2011).

O governo do PT, embora vitorioso nas urnas, inegavelmente é marcado por denúncias de conduta política, amplamente cobertas pelas mídias nacional e internacional e, além disso, foi o fundo político onde as Jornadas de Junho se deram. O que inicialmente eram reivindicações pertinentes ao transporte público oriundas da população estudantil residente das regiões sul e sudeste do país, abriu caminho para que outros grupos sociais e etários também expusessem suas reivindicações.

Além da importância de conhecer-se o cenário político-social para viabilizar o entendimento de determinados acontecimentos, cada vez mais se faz necessária a compreensão da relação existente entre os produtos midiáticos e as arenas sociais, como é o caso da política. A política pressupõe, por si própria, formulação e disseminação de determinado conjunto de valores e conteúdos simbólicos que participem ou representem determinada ideologia ou aquilo que o valha. Rubim (2003) afirma que a contemporaneidade e a realidade em rede (CASTELLS, 1996; 1998) à qual estamos inseridos proporcionaram um redimensionamento de vários campos como a cultura e a política, e, nesse último caso, em sobremaneira em seu momento eleitoral, que é singular.

Por esse motivo, pode-se dizer que, atualmente, o sucesso de um personagem político depende fortemente da sua capacidade de visibilidade (WEBER, 2007), ou seja, do quanto à mostra ele se coloca e da repercussão que essa imagem exposta adquire frente à opinião pública e à mídia. A atuação política, cada vez mais, liga-se diretamente aos meios, às linguagens e aos processos inerentes à comunicação de massa. A disputa política é, dentre outros aspectos, uma disputa para impor determinada imagem pública dos atores, bem como uma competição pela produção de percepção dos públicos de interesse: os eleitores. Existe uma associação entre as atividades políticas e a criação e circulação de imagens. Gomes (2004) entende a política de imagem como “a prática política naquilo que nela está voltado para a competição pela produção e controle de imagens públicas de personagens e instituições políticas” (GOMES, 2004, locais do Kindle 4282).

Assim, segundo Weber (2007), no desencadear dos acontecimentos políticos, a paixão se faz presente nos discursos jornalístico e político, de modo que o chamado *espetáculo político-midiático* é dependente de interesses mútuos vindos de quatro campos: o das instituições e dos personagens públicos, como os partidos e os Poderes Executivo e Legislativo; das instâncias de produção midiática, como os jornalistas e seus feitos; os espaços de circulação de informações e de opiniões, como os púlpitos, os palanques e os programas; e fundamentalmente a participação da sociedade civil, seja espontânea ou organizada de alguma maneira. Pode-se citar, em paralelo, os ambientes eleitorais, como os debates e, também, as cerimônias de posses presidenciais.

Diante disso, destaca-se que este artigo objetiva, primordialmente, à análise do ethos discursivo de Jair Messias Bolsonaro, ofertado em vídeos durante o pleito presidencial de 2018. Aliado a isso, estudar sua imagem pública construída a partir de material audiovisual institucional divulgado no período eleitoral, identificando as principais estratégias discursivas utilizadas para propor determinadas imagens de si. Bem como as inquietações pela prática das relações públicas e da comunicação institucional, pois, é a partir delas que constroi-se a imagem pública.

O presente estudo foi desenvolvido à luz da pesquisa documental, a fim de que se investigasse posições acerca da temática e colhimento de dados. Primeiro para que se cumpra a organização de informações pertinentes às trajetórias militar e política de Jair Messias Bolsonaro; e, após, coleta, seleção e organização do material em vídeo analisado. Importa constar que o recorte temporal à qual submete-se o material selecionado é igual àquele que permitiu a veiculação de propaganda política durante as eleições de 2018: 30 de agosto a 26 de outubro. A técnica de “análise e interpretação” é também adotada por este esforço científico, onde se dá a análise dos dados propriamente dita.

## **2 Ethos discursivo: ofertas de si e imagem na política**

Sabe-se que o contexto contemporâneo é imagético. Do posto de “consumidor de imagem” (JOLY, 1996, p.9) que cabe a todos, cabe também a tentativa de compreensão do que é a imagem que é consumida. Mas, é importante entender que a imagem que é visual não encerra as possibilidades que o termo “imagem” carrega consigo.

Gomes afirma que há “duas espécies do gênero imagem, de forma que como há uma imagem visual, haveria também uma imagem social ou pública, ambas podendo ser consideradas espécies de representação ou apresentação de algo da ordem da realidade.” (GOMES, 2004, Locais do Kindle 4341-4343). É interessante trazer a concepção apresentada

por Baldissera (2006 e 2008), quando o autor introduz a classificação das imagens em “imagem-conceito”. Considera-se imagem-linguagem a imagem físico-vísivel dotada de significação e codificação, de modo que, a partir disso, passa a assumir característica de linguagem imagética e, então, é admitida nos processos comunicacionais. Essa dinâmica proposta é possibilitada graças às convenções socioculturais, quando definem que imagens físicas, se captadas, codificadas podem ser empregadas como mensagens nos processos comunicacionais.

O autor destaca que imagem-conceito é pertencente àquilo que é simbólico, cultural e imaginário. O valor simbólico é atribuído a partir do momento em que os sujeitos passam a perceber, apreender e interpretar e julgar a alteridade, mesmo que a significação dada não seja adequada ou verdadeira (BALDISSERA, 2006).

Cabe ressaltar o fato de que a imagem-conceito não mantém relação direta com o que é verdadeiro, não depende disso, não é da qualidade da precisão; está relacionada, sim, àquilo que parece ser, àquilo que se reconhece que seja, que se julga ser. Gomes (2004, locais do Kindle 6866-6867) é categórico quando afirma que “ser é bom, parecer também é bom, mas parecer sem ser é ainda melhor, pois quem parece ser sem o ser realmente pode mudar mais facilmente conforme seja conveniente”. Trata-se, aqui, de atentar para o fato de poder existir distanciamento entre imagem-conceito e a identidade que representa, revelando a não equivalência, o desajuste entre imagem-conceito e a entidade que representa.

Nessa perspectiva, Gomes (2004) afirma que a prática política é completamente suscetível à política de imagem, esta última que atribui às funções tradicionais da política a produção, o ajuste e a administração da imagem do personagem político. Segundo o autor, o primeiro momento da política de imagem, que é a que abarca a produção, construção, criação da imagem pública, seja de instituições ou de atores, tem por objetivo não só a presença midiática, mas sim, a presença midiática na “esfera de visibilidade pública dominante, que um público que de alguma maneira se submete a essa esfera de exposição forme uma determinada imagem de tal ator” (GOMES, 2004, Locais do Kindle 4899-4900). Isso porque não é qualquer imagem pública a que basta na política de imagem, mas sim a condução de uma imagem que dialogue e traduza as intenções políticas do ator político, fazendo uso planejado dos discursos, fatos e apresentação pessoal.

Consonante a isso, a noção de *ethos* discursivo e as cenas da enunciação reformuladas e propostas por Dominique Maingueneau são projetadas como uma maneira de análise do discurso e análise pragmática, expandindo as noções de *ethos* apresentada por Ducrot e, também, a de quadro figurativo estudada por Benveniste (AMOSSY, 2013). Conforme Amossy (2013), a proposição de Maingueneau busca dar espaço tanto à enunciação quanto ao

enunciador na análise do discurso devido à relação que a noção de *ethos* mantém com a “concepção de reflexividade discursiva e a relação entre corpo e discurso que ela implica” (MAINGUENEAU, 2013, p.70), de maneira que seja possível a análise de como é construída a cenografia da autoridade discursiva daquele que enuncia a si mesmo (CARVALHO, 2011).

A cenografia que Maingueneau propõe não é limitada a um cenário, de forma literal. A metáfora é utilizada para representar a “cena de fala que o discurso pressupõe para que possa ser enunciado” (CARVALHO, 2011, p.85), e é desenvolvida à medida em que as ofertas de si mesmo se dão e, citando Ducrot: o “*ethos* se mostra, ele não é dito” (DUCROT, 1984, p.201 apud AMOSSY, 2013, p.71).

Com o exposto, é clara a necessidade da tentativa de compreensão do lugar que cada um dos personagens envolvidos e necessários em um processo de construção do *ethos* discursivo ocupam, pois, por meio desse esforço, é que se pode inferir o significado, por exemplo, do uso de determinada expressão e da omissão de outra.

### **3 Ethos discursivo: Jair Bolsonaro e as ofertas de si em vídeos**

Devido ao fato de a bibliografia científica sobre o político ser restrita, faz-se uso dos esforços de pesquisa em dados apresentados por portais de notícias, além do material produzido e disponibilizado pelo site e outros espaços digitais do próprio ator político. Cabe ressaltar que, de acordo com Gil (1994), não são apenas os documentos escritos que contêm validade para fins de pesquisa científicos, mas “qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno” (p.147), tais como os chamados registros episódicos e privados, “construídos principalmente por documentos pessoais e por imagens visuais produzidas pelos meios de comunicação de massa” (GIL, 1994, p.147).

#### **3.1 Bolsonaro e contexto da candidatura**

Bolsonaro se candidatou à presidência sob a coligação “Brasil Acima de Tudo, Deus acima de Todos” (PSL-PRTB). Os principais opositores políticos foram: Fernando Haddad, na coligação “O Povo Feliz De Novo” (PT/PCdoB/PROS), Ciro Gomes e a coligação “Brasil Soberano” (PDT/AVANTE), Geraldo Alckmin sob a coligação “Para Unir o Brasil” (PSDB/PTB/PP/PR/DEM/SOLIDARIEDADE/PPS/PRB/PSD), Marina Silva na coligação “Unidos para Transformar o Brasil” (REDE/PV).

No dia 06 de setembro, Bolsonaro sofreu um atentado durante evento eleitoral na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. O candidato foi esfaqueado na região do abdômen antes de realizar o comício programado. Entende-se que o ocorrido configurou-se em um espetáculo

político-midiático, pois, conforme apontado por Weber (2011) um acontecimento transforma-se em espetáculo quando carrega consigo poder político e midiático e tem capacidade de impactar, em algum nível, a vida dos indivíduos e da sociedade de alguma maneira. Segundo pesquisa conduzida pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o ataque de que Bolsonaro foi vítima foi o acontecimento de maior repercussão imediata desde o ano de 2014<sup>3</sup>.

Após o episódio, Bolsonaro cresceu nas pesquisas de intenção de voto, conforme divulgado pelo Instituto Datafolha em 10 de setembro de 2018. O candidato cresceu dois pontos se comparado à pesquisa anterior, alcançando a margem de 24%<sup>4</sup> da pretensão de voto do eleitorado pesquisado. Pelos motivos apontados, optou-se pela análise do *ethos* discursivo que foi ofertado pelo personagem a partir desse episódio, através da televisão, pela veiculação da propaganda política dois dias após o incidente e, pela internet, através da transmissão ao vivo que o candidato fez, ainda internado.

Bolsonaro obteve 42.276.897<sup>5</sup> votos válidos no primeiro turno das eleições presidenciais. Esse resultado o levou ao segundo turno, junto do candidato Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT). Sob essa perspectiva, optamos pela análise das imagens propostas pelo candidato nesse segundo momento da disputa política à presidência em dois lugares. Na televisão, a propaganda política para os presidenciáveis equivale a 10 minutos igualmente divididos entre os dois concorrentes. O material escolhido para analisar as ofertas de imagem de si por meio da televisão foi o vídeo da primeira propaganda política do segundo turno, veiculada no dia 12 de outubro de 2018. As imagens ofertadas por vídeos veiculados na internet serão analisadas com base na transmissão ao vivo que o candidato fez no último dia de propaganda política permitida, dia 26 de outubro.

A partir desses critérios e decisões, os vídeos selecionados para compor o *corpus* empírico deste estudo são: “1º programa eleitoral de Jair Bolsonaro (PSL) - Eleições 2018”<sup>6</sup>; “4º programa eleitoral de Jair Bolsonaro do PSL - 8.set.2018”<sup>7</sup>; “Jair Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital”<sup>8</sup>; “Jair Bolsonaro (PSL) - Primeiro programa do Segundo Turno -

---

3 OBSERVA 2018. Ataque com faca a Bolsonaro gera 3,2 milhões de menções em 16h. Disponível em: <<https://goo.gl/KyBYrQ>>. Acesso em 13 de nov. de 2018.

4 INSTITUTO DE PESQUISAS DATAFOLHA: Presidência: Bolsonaro lidera e quatro empatam em disputa pelo 2º lugar. Disponível em: <<https://goo.gl/pZivjA>> Acesso em 13 de nov. de 2018.

5 TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Concluída a totalização de votos do 1º turno das eleições 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/UVyp16>> Acesso em 14 nov.2018.

6 Disponível em: <https://youtu.be/WYUqM2zOcBU> Acesso em 14 de nov.2018.

7 Disponível em: <https://youtu.be/VJurj0fPZzU> Acesso em 14 nov.2018

8 Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXpJt2I> Acesso em 14 nov.2018.

Presidente 2018 - 12/10”<sup>9</sup>; e “Bolsonaro: última *live* antes do segundo turno”<sup>10</sup>. O esforço que se faz no capítulo seguinte é a análise do seu ethos discursivo em vídeos durante o pleito presidencial de 2018. Apresenta-se, aqui, a análise completa do vídeo intitulado “Jair Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital”, pois, considera-se, que o discurso adotado após ser vítima do atentado já mencionado representa e elucida a maioria das cenas que ofertou estrategicamente durante toda a campanha.<sup>11</sup>

### **3.2 Ethos discursivo de Bolsonaro na campanha presidencial de 2018**

Nesta etapa do artigo será realizada a análise do vídeo “Bolsonaro: última *live* antes do segundo turno”<sup>12</sup>. A análise está organizada da seguinte forma: a) o vídeo é analisado separadamente; b) cada análise compreende os tópicos “contextualização” e “análise estrutural e ethos discursivo”. Por fim, ressalta-se, que a discussão dos resultados será realizada nas considerações finais.

#### *3.2.1 Transmissão ao vivo do hospital*

##### **3.2.1.1 Contextualização**

Após ser vítima de um ataque a faca, Bolsonaro teve de passar por cirurgias e, então, permaneceu internado durante 24 dias no hospital após o atentado. No dia 16 de setembro o candidato anunciou pelo Facebook que faria uma transmissão ao vivo direto do hospital em que estava, pois havia recebido liberação do médico que o atendia. O vídeo tem duração de vinte minutos e nove segundos.

##### **3.2.1.2 Análise morfológica e Ethos discursivo**

O vídeo começa com o filho do candidato, Eduardo Bolsonaro, comentando, durante dois minutos, sobre o quadro de saúde do pai. Quando direciona a câmera para Jair Bolsonaro, o candidato permanece de olhos fechados por treze segundos. Conforme apontado por Maingueneau (2005), a enunciação não se limita ao que é dito e, nesse sentido, estando o *ethos* diretamente ligado à enunciação, o público inicia o processo de construção da representação antes mesmo que o enunciador fale alguma coisa.

---

9 Disponível em: [https://youtu.be/\\_pgFT\\_U6k74](https://youtu.be/_pgFT_U6k74) Acesso em 14 nov.2018

10 Disponível em: <https://youtu.be/2py6E3U2wCc> Acesso em 14 nov.2018

<sup>11</sup> As análises completas dos cinco vídeos escolhidos podem ser consultadas na monografia homônima publicada e disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/192998>>

12 Disponível em: <https://youtu.be/2py6E3U2wCc> Acesso em 14 nov.2018

No vídeo analisado, a imagem que o *ethos* pré-discursivo estimula o coenunciador a formular é de uma pessoa fraca, debilitada (figura 1). Conforme o candidato fala e mostra a si mesmo, pode-se dizer que essa primeira imagem é refutada pelo *ethos* discursivo, pois, apesar de estar internado, o candidato se dispõe a falar acerca do cenário político brasileiro, não apenas de si mesmo, o que demonstra que detém força para tal, ou, que se esforça para fazê-lo, é preocupado em algo maior que sua própria saúde.

**Figura 1:** Bolsonaro em transmissão ao vivo do hospital



**Fonte:** Youtube (2018). Jair Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital [vídeo]

Bolsonaro também traz para essa enunciação referências religiosas, reforçando o *ethos* assim caracterizado, quando menciona, por exemplo, que uma passagem bíblica foi um dos guias de sua campanha. Para Maingueneau (2006), toda enunciação não é apenas uma situação de comunicação, pois ela comporta o que chama de cena da enunciação e que considera o processo de comunicação “do interior” (MAINGUENEAU, 2006, p.250).

Há, na encenação do *ethos* discursivo, três cenas de enunciação. A primeira é a cena englobante e refere-se ao tipo de discurso, às vezes definido pela função social. Na situação da análise, a cena englobante trata-se de discurso político. A segunda cena, cena genérica, equivale ao subgênero que determina os papéis sociais dos participantes. Nesse sentido, a cena genérica do vídeo analisado é a de um candidato político dirigindo-se aos eleitores. A terceira trata-se da cenografia e, segundo o autor, recorrentemente a interação dos coenunciadores se dá através dela tendo em vista que às vezes acaba por colocar em segundo plano a cena genérica.

Sob essa perspectiva, pode-se dizer que a cenografia dessa transmissão ao vivo, de uma maneira geral, mostra Bolsonaro não apenas como um político candidato à presidência, mas principalmente como um homem experiente e, também, como um homem religioso. Isso acontece, segundo o autor, porque “o discurso político é igualmente propício à diversidade das cenografias: um candidato poderá falar a seus eleitores como jovem executivo, como tecnocrata, como operário [...] e conferir os “lugares” correspondentes a seu público.” (MAINGUENEAU, 2005, p.76). Além disso, ao afirmar “Como eu disse, vinha dizendo em palestras ao longo de 3 anos, onde adotei aquela máxima, que seria nossa bandeira. Peguei um



versículo bíblico, João 08:32: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”<sup>13</sup>, Bolsonaro coloca os eleitores e, portanto, o Brasil como um todo, em um lugar de “prisão”, o que remete à ideia de condenação, penalidade, e por esse motivo teria de ser “libertado” dessa coisa ou desse alguém que o limita. Por esse motivo, há uma necessidade de soltura, livramento, e ele coloca a si mesmo no lugar de salvador. Essa enunciação reforça o *ethos* de escolhido de Deus, de Messias, que, conforme análise completa dos vídeos selecionados, é ofertado desde a primeira produção veiculada no primeiro turno.

Bolsonaro também afirma: “Tá em jogo no momento é o futuro de todos vocês também. Até de você que apoia o PT, você é ser humano também”<sup>14</sup>. Assim, assume a possibilidade de livrar até mesmo os que defendem o PT do “plano” do partido. Portanto, livraria as pessoas de si próprias, de suas próprias escolhas mal feitas. É, então, benevolente e generoso.

Na sequência, o candidato inicia sua fala a respeito do Partido dos Trabalhadores, e menciona (excerto de texto a seguir) que algumas pessoas defendem que, à época de sua criação, na década de 1980, o Brasil vivia sua Ditadura Militar.

Isso no Brasil é o jogo do poder. **É o domínio de uma nação. [...] O PT surgiu em 1980, no período que nos diziam que era ditadura militar.** Onde ditadura surgiu um partido político qualquer que seja, sempre foi um partido único, mas o que interessa no momento: faça uma reflexão. **Eu aprendi desde cedo, lá em Nioaque, Mato Grosso do Sul, com Major Almério, subcomandante,** quando eu tinha um problema com um subordinado meu e eu estava possesso da vida, e ele, o major Almério, que é vivo até hoje, falou: “tenente, quando for tomar decisão contra um subordinado, se coloca no lugar dele”. E eu saí dali, algumas horas depois eu voltei, e a minha decisão foi o contrário. **Eu peço pra vocês:** se coloquem no lugar do presidiário.<sup>15</sup> (grifos meus)

Quando afirma que “nos diziam que era ditadura militar”, o candidato deixa claro seu entendimento de que o Brasil não viveu esse governo que lhe é contado, que buscam fazer com que acredite, como uma conspiração.

Em seguida, conforme trecho destacado a seguir, o candidato relembra seu tempo como tenente do exército, e compartilha com o coenunciador os conselhos recebidos do seu superior hierárquico, quando este último dizia para Bolsonaro colocar-se no lugar dos seus subordinados nos momentos de convivência conflituosa. Nessa perspectiva, Bolsonaro pede para que quem o assiste coloque-se no lugar “do presidiário”, ou seja, Lula, e dá a entender que já fizera esse

---

13 Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em live feita direto do hospital. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXPJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

14 Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em live feita direto do hospital. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXPJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

15 Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em live feita direto do hospital”. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXPJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

exercício de empatia. Nessa fala, Bolsonaro oferta um ethos de compaixão, pois, ao afirmar que mudou de ideia após colocar-se, embora ‘possesso’, no lugar de seu subordinado no período militar, mudou de ideia, também oferece o mesmo ethos de compaixão e humanidade ao pedir que quem o assiste também o faça. Ainda, o ato de ‘pedir’, no sentido de orientar um comportamento, oferta outro ethos, que é o de sabedoria.

Quando Bolsonaro afirma ‘eu aprendi desde cedo’, faz emergir o ethos de inteligência, pois, além de aprender, ainda aprendeu rápido. Importa constar o caráter de saudosismo que a referida frase carrega consigo quando o candidato comenta sobre o episódio militar que vivera quando mais jovem. Essa perspectiva de saudade daquilo o que é militar conversa com a descrença de que o Brasil não viveu uma ditadura militar e indica, conforme apontado por Löwy (2015), o apelo aos militares como um dos motivadores à crescente do conservadorismo nacional e internacional.

Quando “pede”, aos que o assistem, que “se coloquem no lugar” de uma pessoa, atribui a si mesmo a imagem de alguém que já realizara o exercício da reflexão política e, também por conta disso, tem a liberdade de “orientar”, “guiar” os demais cidadãos para que também o façam e, a partir disso, cheguem à conclusão que ele já chegara. Bolsonaro afirma:

O que eu peço pra vocês: se coloquem no lugar do presidiário que tá lá em Curitiba. Com toda sua popularidade, sua possível riqueza, seu tráfico junto a ditaduras do mundo todo que se auto apoiam, em especial Cuba. **Você aceitaria passivamente, bovinamente ir para a cadeia?** Você não tentaria uma fuga? Bom, se você não tentou fugir com tudo ao teu lado, é obviamente porque você tem um plano B. Qual é o plano B desse presidiário? Desse homem pobre que, lá atrás que **roubou nossa esperança?** Eu não consigo pensar em outra coisa a não ser um plano B se materializar em uma fraude favorável ao Lula pelas eleições agora.<sup>16</sup> (grifos meus)

Ao mencionar que Lula mantém relações com “ditaduras que se auto apoiam”, indica que o Brasil também é caracterizado como um país que vive sob um regime ditatorial. O que é contraditório quando afirma que o fato que fez com que Lula não fugisse do presídio é o desejo de implementar “seu plano B”, ou seja, não sair mais do poder executivo nacional, instaurando um modo de governar ditatorial através de uma fraude eleitoral programada para as eleições de 2018. Em consonância, o fato de utilizar o pronome “nós”, quando menciona o fato de Lula ter “roubado nossas esperanças”, Bolsonaro promove a imagem de igualdade entre ele próprio, aqueles que se mostraram pró-impeachment e os que o ouvem, embora, como já mencionado, dê orientações para que os demais reflitam. Essa posição é, além de tudo, tentativa de

---

<sup>16</sup> Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital”. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXpJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

demonstrar humildade, pois se coloca no mesmo nível daqueles que precisam de sua ajuda para definir o voto.

O candidato afirma que, ao candidatar-se à presidência em 2018, o fez para impedir que o PT permanecesse no poder. Isso porque o que está em jogo, naquele momento, não é a sua saúde, mas sim “o futuro dos duzentos e poucos milhões de brasileiros e um pouquinho lá fora também”. Nesse sentido, novamente, procura reforçar seu *ethos* de alguém benevolente, cuja função principal é doar-se para algum bem maior, para que todos sejam protegidos dessa ameaça à qual o candidato faz referência, conforme se pode inferir do excerto a seguir:

Quando eu vi as eleições, a Dilma Rousseff, em 2014, eu pensei comigo mesmo: “não podemos esperar 2018 porque o Lula vem candidato, eles não vão sair mais daí”. Olha como é que tá o Brasil. Pra onde estamos indo, em todos os aspectos, sem exceção? Eu sempre costumava dizer e também falo ainda que **tão ou mais grave que é a corrupção é a questão ideológica. Aí, sozinho em casa, resolvi: eu vou vir candidato em 2018.** Mas eu preciso de um partido político. Não vou ter apoio quase nenhum da imprensa. Meu partido político vai ser um partido pequeno. Esses partidos médios e grandes fazem seus negócios. Não vou ter tempo de televisão. **Se eu crescer um pouquinho em pesquisa vão tentar me destruir.** Mas eu segui essa ideia. Vou embora. Em 2015, aproveitei um projeto em andamento na Câmara e mandei o... conseguimos o voto impresso, que era a única garantia que nós tínhamos, em 2018, de dizer que quem votou no João vai contar com o João.<sup>17</sup> (grifos meus)

Também, Bolsonaro afirma que candidatou-se mesmo acreditando no desejo que os outros teriam de “destruí-lo”, caso obtivesse relevância na disputa eleitoral. Com isso em vista, entende-se que, apesar do risco iminente que a candidatura à presidência representava, ainda assim Bolsonaro optou pela disputa política para salvaguardar o país da possibilidade de um novo governo petista. Quando afirma que, após ter decidido que tentaria candidatura presidencial, teria de filiar-se a um partido pequeno e não teria apoio dos veículos midiáticos, o candidato oferta um *ethos* discursivo autopiedoso, indicando complacência. Ao dizer que seguiria “essa ideia”, indica que não planejou sua candidatura à presidência para ofertar e defender um plano de governo ao país, mas, sim, para tentar impedir que o Partido dos Trabalhadores saísse vitorioso pela quinta vez consecutiva. Sob essa perspectiva, explica seu projeto de lei cuja proposta era a impressão de um “recibo” eleitoral, para que os eleitores tivessem comprovação eletrônica sobre em quem depositaram seus votos. E explica que propôs essa alteração em 2015 para impedir que o plano B do PT se concretizasse em 2018, pois essa seria “a única garantia que tínhamos” e que recebeu o veto da então presidente, Dilma Rousseff, do PT.

---

<sup>17</sup> Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXpJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

Quando, na sua fala, afirma que “tão ou mais grave do que é a corrupção é a questão ideológica” descola, mais uma vez, a sua atuação do fazer político. Isso porque a própria ação política e a existência de partidos políticos se dão como meios de oferta e defesa de ideologias políticas e sociais. A atribuição de uma periculosidade à palavra “ideologia”, configura um esforço enunciativo que permite inferir que o PT é sinônimo de perigo ao Brasil.

No trecho a seguir, ao dirigir sua fala aos profissionais da imprensa, Bolsonaro pede, ‘por favor’, que leiam o chamado caderno de teses, de 2015, e também a Análise da Conjuntura, de 2016, dois documentos redigidos e publicados pelo PT e pede que os leiam por serem documentos ‘muito importantes’ àqueles que o assistem e, também, porque ‘não há ninguém que tenha mais consideração’ com os profissionais da imprensa do que o próprio Bolsonaro. Ao solicitar a leitura, o faz em tom de revelação, como se fosse de seu poder alguma informação privilegiada que tenha alcançado a partir da leitura desses materiais.

Mas agora o **que é muito importante pra vocês**: o PT não esconde o que faz mais. Por favor, leiam dois documentos apenas: o primeiro, o caderno de teses do PT de 2015, na Bahia. E depois o outro documento, Análise da Conjuntura, de 2016. Está na página do PT. Ninguém tá inventando isso. Eu quero me referir agora aos jornalistas do Brasil: **ninguém mais do que eu tem consideração para com vocês**. Se vocês lerem com atenção esses dois documentos, entre outras barbaridades, vocês vão ver lá, claramente escrito, que o PT vai buscar, sim, o controle social da mídia. **Vocês vão perder a liberdade!** Sei que nem todos têm hoje em dia, né, mas quem tem alguma liberdade vai perder completamente sua liberdade. E mais: **imaginem eles explorando, né, inventando narrativas a meu respeito**, igual lá atrás quando descobriram da Polícia Federal e faziam uma operação. Operação tal “agora pega o Bolsonaro”, não pegaram. “Agora pegam”, não pegaram.<sup>18</sup> (grifos meus)

Nessa fala, Bolsonaro oferece uma imagem de si de responsabilidade com a informação quando afirma que ninguém tem maior consideração com a imprensa brasileira do que ele próprio e, devido a isso, os jornalistas podem acreditar que os dois documentos mencionados comprovam o que vem indicando através da sua fala, como o plano B, por exemplo. Importante constar que, conforme averiguado, o “caderno de teses do PT”, indicado por Bolsonaro, é um documento originado a partir de encontro partidário ocorrido entre 11 e 13 de junho de 2015 motivado pelas manifestações contra o governo petista ocorridas em março do mesmo ano. O documento retoma questões que impulsionaram a criação do partido, para “resgatar o petismo no PT”<sup>19</sup>. O segundo documento mencionado pelo candidato, “Análise da Conjuntura de 2016” é originário do diretório nacional do partido, em um esforço para que os partidários se reúnam e analisem o cenário político pertinente ao ano de 2016, considerando, principalmente, a

---

<sup>18</sup> Fragmento retirado do vídeo “Bolsonaro chora em *live* feita direto do hospital. Disponível em: <https://youtu.be/NA89SXpJt2I>. Acesso em 17 de nov.2018.

<sup>19</sup> Partido dos Trabalhadores: 5º Congresso Nacional. Disponível em: <<https://goo.gl/rALcCa>> Acesso em 24 de nov.2018.

iminência do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. A publicação data de maio de 2016<sup>20</sup>.

Quando Bolsonaro afirma que narrativas em relação a ele são criadas reforça o aspecto de covardia dos oponentes políticos e atribui a si a imagem de personagem perseguido. É a justificativa para essa “conspiração” possa ser a imagem de honestidade que oferece reiteradamente, como quando diz que não foi flagrado por nenhuma “tal operação”.

Além disso, o candidato assume o papel de fiador confiável, pois, mesmo em uma situação de hospital e, portanto, delicada, ainda assim faz o esforço de solicitar liberação médica, ir a público falar sobre o cenário político brasileiro atual e não apenas sobre seu quadro de saúde. Nessa perspectiva, destaca-se o caráter apelativo da transmissão ao vivo realizada no hospital uma vez que, apesar da situação delicada da saúde do candidato, dedica 15 de um vídeo de 20 minutos, para falar sobre seu principal oponente político, o Partido dos Trabalhadores.

#### **4 Considerações Finais**

A partir das análises realizadas, é possível identificar algumas estratégias discursivas que Jair Bolsonaro empregou na produção do material institucional veiculado no período da disputa presidencial, propondo sentidos e reafirmando-os por meio do seu *ethos* discursivo. Pode-se dizer que a análise contemplou três grandes momentos da disputa eleitoral: 1) como o candidato se apresentou na primeira campanha veiculada no primeiro turno; 2) quais imagens ele ofereceu de si em decorrência do atentado que sofreu a partir da propaganda política veiculada dois dias após o ataque e na transmissão ao vivo feita no hospital 11 dias após o atentado e 3) como ele se mostrou na primeira campanha veiculada no segundo turno e na transmissão ao vivo realizada dois dias antes da votação do segundo turno.

As ofertas de sentido sumariamente propostas pela material institucional de Jair Messias Bolsonaro compõem e sublinham *ethos* discursivos que associam a ele, principalmente, três imagens: 1) de salvador do Brasil, 2) enviado por Deus e 3) defensor da família como instituição. Os demais *ethos* ofertados atravessam e reforçam os três principais.

Sob essa perspectiva, a dedicação de grande parte de sua produção de vídeo veiculada à época da disputa eleitoral ser dedicada a apresentar, sob seu modo, o principal oponente político, o Partido dos Trabalhadores, afirma que Bolsonaro seria o oposto daquilo o que o concorrente político é. Assim, as apresentações dos casos de corrupção do PT, por exemplo,

---

<sup>20</sup> Partido dos Trabalhadores: Resolução sobre conjuntura. Disponível em: <<https://goo.gl/WHMGvB>> Acesso em 24 nov.2018

buscam associar a imagem de “homem honesto” a Jair Bolsonaro. Com isso, ao apresentar o PT como uma ameaça àquilo o que *ethos* discursivo de Bolsonaro busca defender, ele oferta a imagem de si como o salvador do Brasil, pois, impedindo nova reeleição do candidato petista, estaria “livrando” o país.

O segundo *ethos* mais ofertado pelo candidato é o de enviado por Deus. Outros *ethos* igualmente ofertados pelo personagem político, tais como de empatia, sabedoria e compaixão reforçam o de enviado por Deus, considerando os conhecidos preceitos cristãos. Apoiado na oferta de que é o salvador do Brasil, Bolsonaro sustentado argumentação religiosa apresenta-se como representante daquilo o que é considerado divino, mas, factualmente por dois motivos: o primeiro por associar sua coligação à figura divina, atribuindo-lhe um lugar ‘acima de tudo’ e também por nomear a associação política à qual fez parte na candidatura fazendo uso da palavra mais simbólica do Cristianismo. A coligação “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” reforça o viés religioso da candidatura do personagem político e o coloca como representante daquilo o que Deus, conhecido por todos, defende. O segundo motivo factual é a adoção de um versículo bíblico como “mote” da campanha presidencial. Afirmado pelo candidato, a passagem bíblica “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” dá força para o *ethos* religioso do discurso, e, consonante a isso, também sublinha o *ethos* de salvador do Brasil, uma vez que a verdade que Bolsonaro permite que o eleitor conheça – referentes ao PT, àquilo o que defende, às suas trajetórias política e militar -, fará com que aconteça a “libertação” do povo brasileiro.

O terceiro *ethos* mais ofertado e reforçado pelos esforços enunciativos do personagem é de protetor da família. No processo enunciativo que foi construído e compartilhado para se fazer conhecer o processo que levou o candidato a ter outro filho, a pedido da atual esposa, oferta uma imagem de preocupação com a instituição familiar, de modo que o personagem político se colocou à disposição de conceber um novo filho visando ao bem-estar do núcleo familiar. Aliado a isso, o *ethos* doce também é ofertado quando a única filha do candidato é apresentada, em um momento particular.

Sabe-se que a atividade política exige esforços de visibilidade para construção coerente e planejada da imagem pública, mas, aliado a isso, o ator político, considerando sua relevância social, deveria ofertar imagens de si concernentes às múltiplas realidades de um povo, o que implica direcionar o olhar e fazeres políticos aos diversos grupos e às suas propriedades, aos seus contextos, dentre outros. Nesse sentido, acredita-se que Bolsonaro, no percurso da construção do seu *ethos* discursivo dedicou atenção nítida àquilo o que lhe dizia respeito, ao passo que poderia, em consonância a isso, propor discussões acerca das conjunturas brasileiras.

Nesse sentido, o que se identifica oferecido e reforçado são estímulos de propaganda e de auto propaganda. As ofertas de si que Bolsonaro ofertou antes e depois do atentado ao qual foi vítima são opostas, mas complementares. Diz-se isso porque, antes, eram presentes traços maiores de autoridade e severidade, de maneira que, por vezes, eram justificadas por questões maiores, como a possibilidade do ser sincero e honesto. A partir do atentado, a imagem de sensibilidade passou a ser ofertada e sublinhada com maior ênfase. Foi o episódio que possibilitou a construção de um *ethos* doce e frágil. Nesse sentido, o personagem político que inicialmente ofertava a si próprio como detentor de coragem para enfrentar os corruptos e, conforme sua fala, o “plano B do PT”, ainda assim poderia ser um ator político sensível e compreensível.

## Referências

AMOSSY, Ruth. (org). **Imagens de Si no Discurso: a Construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação, identificações e imagem-conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM Disponível em: < <https://goo.gl/jTsR9h>>. Acesso em: 29 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Significação e comunicação na construção da imagem-conceito. **Revista Fronteiras: estudos midiáticos**. São Leopoldo: Unisinos, v. 10, nº. 3, set/dez 2008. Disponível em: < <https://goo.gl/9vMhJ1>> Acesso em 27 set.2018.

CANCLINI, Néstor G. **Cultura y comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata, Universidad Nacional de la Plata, 1997.

CARVALHO, Fabiana C. Interdiscurso, cenas de enunciação e *ethos* discursivo em canções de Ataulfo Alves. **Percursos Linguísticos**. Vitória, ES: v. 3 n. 1 p. 82-98, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

DRUCK, Graça; FILGUEIRAS, Luiz. Política social focalizada e ajuste fiscal: as duas faces do governo Lula. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 24-34, jan./jun, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/ZTMQpt>>. Acesso em: 15 set. 2018.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (org). **Imagens de Si no Discurso: a Construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIGUEIREDO, Rubens; COUTINHO, Ciro. A eleição de 2002. **Opinião Pública**, Campinas, v.9, n. 2, p. 93-117, 2003. Disponível em: < <https://goo.gl/tN7Q3h>>. Acesso em: 12 set. 2018.

FOLHA ONLINE. **Após três eleições, Lula chega à Presidência da República**. São Paulo, 2002. Disponível em: < <https://goo.gl/QWeN4G>>. Acesso em: 15 set. 2018.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. Paulus Editora. Edição do Kindle.

INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA. **FHC encerra mandato com reprovação maior do que aprovação**. São Paulo, 2002. Disponível em: < <https://goo.gl/9peB3J> >. Acesso em: 14 set. 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Revista de Serviço Social e Sociologia**. São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/7RfxLd>>. Acesso em: 22 set. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. 1 ed. Curitiba: Criar Edições, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. 1 ed. Curitiba: Criar Edições, 2006. In: AMOSSY, Ruth. (org). **Imagens de Si no Discurso: a Construção do Ethos**. São Paulo: Contexto, 2013.

RUBIM, Antonio A. C; COLLING, Leandro. Mídia e Eleições Presidenciais no Brasil Pós-Ditadura. In: **Diálogos de la Comunicación**. Lima, (69):74-87, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/LTb9mH>>. Acesso em: 23 set. 2018.

RUBIM, Antonio A. Cultura e política na eleição de 2002: as estratégias de Lula presidente. In: ENCONTRO DA COMPOS, 12, 2003, Recife. **Anais...** Recife, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/DZf62W>>. Acesso em: 15 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **O lugar da política na sociabilidade contemporânea**. In: LUGAR global e lugar nenhum. São Paulo: Hackers, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/4n7udb>>. Acesso em: 23 set. 2018.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1ª edição, 4 reimpressão. São Paulo, SP: Iluminuras, 2008.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

WEBER, Maria H. Espaço Público e Acontecimento: do acontecimento público ao espetáculo político-midiático. In: Dimensões do Acontecimento: configuração, mediação, tempo e experiência. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, p.189-203, n. 10, 2011.

\_\_\_\_\_. O espetáculo político-midiático e a partição de poderes. 2007.

WERNER, Maikon M. F; REIS, Clovis. Do marketing ao político: um estudo sobre as estratégias e a ferramenta da comunicação no processo eleitoral. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10, 2009, Blumenau. **Anais...** Blumenau, FURB, 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/45L251> >. Acesso em 23 set.2018.